



adernos de Ciências Sociais da UFRPE

## CADERNETA AGROECOLÓGICA: A CONTRIBUIÇÃO DAS MULHERES PARA A SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E CONSERVAÇÃO DA AGROBIODIVERSIDADE<sup>1</sup>

*Laeticia Jalil*

Cientista social com Doutorado em Ciências Sociais (UFFRJ), docente do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – Campus Dois Irmãos e líder do Núcleo Jurema: Feminismos, Agroecologia e Ruralidades.

E-mail: [laeticiajalil@gmail.com](mailto:laeticiajalil@gmail.com)

*Luana Cristine Silva*

Graduanda do curso de engenharia florestal da Universidade Federal Rural de Pernambuco- Campus Dois Irmãos e integrante do Núcleo Jurema: Feminismos, Agroecologia e Ruralidades.

E-mail: [uanacristine209@Gmail.com](mailto:uanacristine209@Gmail.com)

*Jannah Oliveira*

Graduanda do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco- Campus Dois Irmãos e integrante do Núcleo Jurema: Feminismos, Agroecologia e Ruralidades.

E-mail: [oliveirajannah@gmail.com](mailto:oliveirajannah@gmail.com)

### RESUMO

Este artigo busca visibilizar o protagonismo das mulheres rurais para a preservação e manutenção da biodiversidade e demonstrar a contribuição das mulheres para a soberania e segurança alimentar, a partir da utilização da Caderneta Agroecológica e análise dos mapas dos agroecossistemas. O processo de sistematização leva as mulheres a compreender a importância e o valor de seu trabalho nos quintais produtivos, questionando a injusta divisão sexual do trabalho, se reconhecendo como guardiã da agrobiodiversidade, construindo a resistência nos quintais produtivos, atuando em diferentes espaços sociais e políticos, reivindicando seus direitos e disputando políticas públicas.

**Palavras-chaves:** Agricultoras Agroecológicas; Cadernetas Agroecológicas; Agrobiodiversidade; Soberania e segurança alimentar.

<sup>1</sup> As autoras deste artigo partem do princípio de ações da escrita feminista que busca visibilizar as autorias femininas. Dessa forma, em todas as citações será utilizado o nome completo das mesmas e não a orientação do sistema de citação: (SOBRENOME, ANO).



## AGROECOLOGICAL BOOKLET: A WOMEN'S CONTRIBUTION TO FOOD SOVEREIGNTY AND SECURITY AND AGROBIODIVERSITY CONSERVATION

### ABSTRACT

This article seeks to highlight women's role in preserving and maintaining biodiversity and to demonstrate women's contribution to food sovereignty and security. from the use of the agroecological logbook, maps of the agroecosystems. Women begin to understand the importance and value of their work in productive backyards, questioning the unfair sexual division of labor, recognizing themselves as guardian of agrobiodiversity, building resistance in productive backyards, acting in different social and political spaces, claiming their rights. and vying for public policy.

**Key-words:** Agroecological Farmers; Agroecological Passbooks; Agrobiodiversity; Sovereignty and Food Security.

### Introdução

O quintal é um espaço de protagonismos das mulheres se apresentando como um local de vida, onde cultivam as sementes, cuidam dos animais, manejam os ecossistemas, transmitem conhecimento, e assim cultivam a vida. Diante da importância e da riqueza que muitas mulheres falam do seu quintal percebemos que ali pode ser o ponto de partida para iniciarmos uma discussão, refletir sobre os lugares de autonomia das mulheres dentro do agroecossistema<sup>2</sup> e qual a contribuição de seus trabalhos para a vida, a segurança alimentar, a conservação da agrobiodiversidade e a economia da família.

---

<sup>2</sup> Segundo Emma Siliprandi (2009, p.109): O agroecossistema é definido como um tipo específico de ecossistema modificado pela ação humana por meio das atividades agrícolas. É a unidade geográfica delimitada (ainda que variável quanto a sua extensão) onde se dão complexas relações entre práticas agrícolas e o ecossistema original. Para se entender essas relações é necessário analisar não apenas os fenômenos ecológicos que ali ocorrem (bioquímicos, agrônômicos), mas também as interações entre os seres humanos.



Para Maria Emília Pacheco (1997) os quintais não podem ser entendidos isoladamente, pois diversas zonas de manejo compõem um sistema, como também os espaços de socialização e construção social, em sua diversidade e complexidade. O quintal (ou ao redor de casa, terreiros, pátio etc.) é um local de grande diversidade ecológica, de cuidado, fortalecimento do solo, qualidade de vida, local de lazer, de descanso, agradável, de beleza, onde plantam e colhem sendo também utilizado como um grande laboratório de experimentação. Partindo dessa perspectiva o quintal se mostra como um local que vai além das relações ecológicas e produtivas, e passa a ser um espaço social de aprendizagem, de construção do conhecimento e de práticas fundamentais para a manutenção da vida.

De acordo com Almada e Mariana Oliveira Souza (2017) os quintais se constituem como importantes espaços de trocas e relações, podendo ser descritos como espaços privilegiados de socialidade na medida em que abrigam a transmissão e atualização dos saberes tradicionais, as relações entre humanos e não-humanos, os aprendizados, as vivências, as brincadeiras, as festividades. É nos quintais também que se encontra uma biodiversidade enorme, resultante das variações ambientais e socioculturais dos ecossistemas onde estes estão inseridos, tanto de espécies nativas, como de espécies cultivadas que compõem a agrobiodiversidade manejada pelas diferentes populações humanas e assim mantendo sua viabilidade ecológica e conservação de sua variedade genética.

As Mulheres é o ponto de partida destes espaços para que todo processo ecológico, social e cultural ocorra, desempenhando um importante papel como administradoras do fluxo de biomassa, promovendo a soberania e segurança alimentar e a partir de seus conhecimentos passados de geração para geração manejam e conservam a agrobiodiversidade, protegida pela diversidade de conhecimento. (PACHECO, 2002)



Segundo Emily Oakley (2004) as mulheres apresentam um ativo conhecimento do sistema agrícola, com múltiplos manejos e usos das variedades empregadas. Mobilizam cooperação, compartilhamento de informações e fluxo de sementes, fundamentais para a diversidade genética dos cultivos. Os quintais, assim, constituem-se como “santuários da agrobiodiversidade”, entendidos como parte de uma tradição cultural que deve ser transmitida e atualizada, principalmente pelas mulheres.

O quintal se apresenta como um espaço de construção social da mulher, neste sentido Lilian Telles (2008) alerta para necessidade de realização de estudos e pesquisas que reconheçam e revelem a importância econômica, social e ambiental das atividades protagonizadas pelas mulheres, sendo fundamental para possibilitar a construção de sua autonomia, do seu empoderamento. Adicionalmente, contribuindo para criar uma base empírico e teórico que justifique a elaboração de políticas públicas com enfoque econômico crítico e ambiental voltadas para as agricultoras agroecológicas<sup>3</sup> no Brasil, entendendo que é impossível transformar a realidade do ponto de vista produtivo e ambiental, sem mudar as relações dominantes entre os homens e mulheres, sem considerar a desigual distribuição dos recursos produtivos, sem transformar a injusta divisão sexual do trabalho, e sem o reconhecimento da contribuição que as mulheres trazem aos conhecimentos tradicionais sobre a gestão ambiental e de reprodução da vida e como sujeitos econômicos.

---

<sup>3</sup> Compreendemos por as mulheres que desenvolvem atividades agrícolas e não agrícolas voltadas para a reprodução dos seus grupos familiares e de proximidade, a partir de práticas sustentáveis (sociais, ambientais, culturais, econômicas e ecológicas) em seus agroecossistemas. Adicionalmente, são aquelas que desenvolvem relações sociopolíticas e econômicas com diferentes autores fundamentais para o processo de transição agroecológica e para a reprodução da vida estando envolvidas em redes sociotécnicas, em movimentos sociais mistos ou feministas ou outros espaços de organização social/política. Elas são portadoras de conhecimentos ancestrais, que ressignificam e transborda suas práticas a partir das necessidades e mudanças ambientais e culturais, desenvolvendo atividades fundamentais para a garantia da segurança e soberania alimentar, para o fortalecimento das relações sociais nos territórios e para a conservação e reprodução da sociobiodiversidade. **Fonte:** <http://portalsemiar.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Guia-de-uso.pdf>



Diante disso percebemos a importância de chamar a atenção para a colaboração cotidiana das mulheres nas atividades produtivas assinalando a necessidade de relativizar a separação entre o que é de domínio feminino a casa e de domínio masculino a produção. No entanto nos parece fundamental acrescentar que esta distinção não corresponde somente à separação entre dois espaços físicos, mais do que isto, se trata de uma classificação sustentada nas representações sociais de gênero que reflete a hierarquia que preside as relações entre homens e mulheres na família e na sociedade. (Maria José Carneiro, 1996, p.341)

Desta forma, as mulheres são destinadas às atividades de cuidados com os filhos(a)s e maridos, além das atividades que realizam nos quintais ao redor de casa e na roça, podendo ser divididas em produtivas, reprodutivas e domésticas. Segundo Emma Siliprandi ao decorrer do tempo essas atividades se tornaram naturalizadas como de responsabilidade estrita das mulheres, tornando seu trabalho (re)produtivo como ajuda das atividades realizadas pelos homens, obtendo uma menor remuneração, em comparação às atividades masculinas. Isso também acarreta num acúmulo de atividades e com uma dupla jornada de trabalho muitas mulheres rurais não conseguem participar de eventos ou dos espaços públicos e políticos como os sindicatos rurais, reuniões, sendo excluídas de espaços de participação política e dificultando o acesso a direitos sociais e políticos.

Nesse contexto este artigo objetiva colocar luz na produção protagonizada pelas mulheres a partir dos dados das Cadernetas Agroecológica, buscando visibilizar o protagonismos das mulheres nas relações econômicas, como também ao trabalho das agricultoras agroecológicas, mostrar a importância das mulheres para soberania e segurança alimentar, conservação e manutenção da agrobiodiversidade, entendendo que a presença das mulheres não se limita apenas ao quintal e mesmo que esse seja



nosso ponto de partida elas estão presentes e trabalham nos diversos espaços no agroecossistema.

## 2. Metodologia

Os dados aqui trabalhados foram colhidos na Região do Sertão do Pajeú. A Região do Sertão do Pajeú está localizada a 423 km da capital do estado de Pernambuco, Recife. De acordo com dados do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE 2010), o Sertão do Pajeú ocupa uma área de 10.828 km<sup>2</sup>, que representa 8,78% do território estadual e com população de aproximadamente 314.642 habitantes, sendo a população rural 37% do total, distribuída entre 20 municípios. A escolha por essa região levou em conta a existência de uma organização não-governamental feminista que atua com assistência técnica rural e com políticas de convivência com semiárido, que é a Casa da Mulher do Nordeste (CMN)<sup>4</sup>. Esse estudo se insere na pesquisa qualitativa com um caráter participativo, envolvendo as agricultoras que cultivam a partir das práticas agroecológicas e que estejam em algum dos programas de assistência técnica desenvolvidos institucionalmente pela organização, sendo indicadas pela CNM, envolvendo também, estudantes, técnicas de campo e assim, possibilitando estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais em diversos ambientes.

---

<sup>4</sup> A Casa da Mulher do Nordeste (CMN) é uma organização não governamental feminista que há 38 anos contribui para a igualdade de gênero no Nordeste do Brasil. Sediada em Recife, capital do estado de Pernambuco, e com um escritório em Afogados da Ingazeira, Sertão do Pajeú, tem como missão fortalecer a autonomia econômica e política das mulheres, afirmando a agroecologia com base no feminismo e na igualdade racial.



Acreditamos que essa proposta de pesquisa é essencial para a construção do conhecimento e a transformação social nos espaços e contextos que estão inseridas, percebendo a importância do saber fazer em conjunto *com todas e entre todas*. Conforme afirma Brandão (2007, p. 56) “aqui, não se trata de conhecer para ‘promover’ ou para ‘desenvolver’ algo, mas para transformar o todo em que este ‘algo’ existe como está, e, assim, deve ser transformado junto com o todo social de que é parte”.

O processo de construção teve como objetivo principal não apenas o resultado, mas sim o processo de construção do conhecimento que é realizado coletivamente, ou seja, a cada etapa existe o compartilhamento e a leitura conjunta dos dados, sendo fundamental para o reconhecimento dos diversos saberes envolvidos.

O que sabemos é importante e todo o conhecimento é de ordens distintas de saberes, e todo ele, tem valor e é complementar. Todo conhecimento, seja acadêmico ou empírico; seja das práticas cotidianas ou científico/tecnicista é vivenciado nos corpos e nos sentidos mais tênues de nós mulheres. Todos eles são indispensáveis para a reprodução da vida, e esse exercício feminista, de nos enxergar como iguais, porém distintas. (Laetícia Jalil, 2017, p. 25)

Assim, os métodos escolhidos e utilizados foram os que melhor se ajustam com os objetivos políticos desta pesquisa, entre eles realização do *mapa do agroecossistema* e da sociobiodiversidade e a análise da Caderneta Agroecológica, tendo como objetivo refletir o máximo possível sobre as diversas dimensões que compõem a vida e a realidade das mulheres rurais.

## 2.1 Mapa do Agroecossistema

O mapa agroecológico e da sociobiodiversidade é um instrumento utilizado para dar luz aos espaços das propriedades em que as mulheres são protagonistas, construindo sua autonomia e se reconhecendo como geradoras de conhecimentos, produtos agrícolas, bens culturais, e promotoras da garantia e soberania alimentar,



assegurando o olhar que as agricultoras têm sobre o agroecossistemas e a biodiversidade que está presente. A partir desse exercício, poder também refletir sobre os espaços distintos dos agroecossistemas, pensar sobre o trabalho, quem “domina e determina” como e o que vai ser produzido, e assim, tentar compreender as relações de poder e a divisão sexual do trabalho não só dentro de casa (ou no espaço doméstico), mas como esta mesma lógica reina em todos os espaços do agroecossistema (e também além dele), reafirmando a lógica patriarcal e hegemônica de espaço de mulher e espaço de homem, trabalho de mulher e trabalho de homem, e desta forma valorizar e reconhecer de forma distinta e desigual todo o trabalho desenvolvido pelas mulheres rurais.

A proposta é que o mapa seja feito exclusivamente pelas mulheres da casa, começando com uma caminhada pela propriedade da agricultora para observar todos os lugares destinados à produção para o autoconsumo, troca, doação ou comercialização, e assim anotadas as informações sobre cada um dos lugares produtivos reconhecidos por elas. Cada agricultora faz um desenho ou mapa da propriedade onde a família vive e trabalha, mostrando a importância de se observar e desenhar os tipos de cultivos e/ou criações predominantes em cada lugar, e o uso dado para as plantas e/ou animais existentes, o acesso às tecnologias sociais (e quem domina seu uso) e tentar ao máximo descrever todas as espécies encontradas.

Os materiais utilizados para a sua construção: cartolinas, lápis colorido, canetas, giz de cera, muita criatividade e leveza no fazer. Daí é essencial que a assessoria de ATER tenha também essa sensibilidade para estimular as mulheres a fazerem algo que muitas vezes nunca fizeram: o pintar e brincar com papéis.

O mapa se mostra também como uma potente ferramenta para visualização dos espaços produtivos do agroecossistema e de reflexão sobre as relações de poder (quem manda, quem determina o que vai ser produzido em qual lugar, quais as espécies





encontradas, etc.), como também possibilita registrar o acesso às políticas públicas, às tecnologias sociais, a crédito e a água, seja através de fontes naturais ou tecnologias sociais de armazenamento - como as cisternas (para uso doméstico e produção), acesso à terra e as relações com o território e seus agentes políticos. Por fim, o mapa proporciona a mulher construir um olhar sobre os espaços e seu trabalho de forma crítica, e assim poder reinventar, replanejar a produção e transformar o agroecossistema num espaço de relações de poder mais justas, solidárias e ecologicamente sustentável.

## 2.2 Caderneta Agroecológica

O instrumento Caderneta Agroecológica (Figura 1) é um instrumento político pedagógico utilizado para sistematizar a produção protagonizada pelas agricultoras agroecológicas e assim dar visibilidade aos seus trabalhos, valorizando monetária e não monetariamente. Também possibilita realizar um levantamento quantitativo e um inventário produtivo do que é de responsabilidade das agricultoras, colaborando para a promoção da sua autonomia e empoderamento.

O instrumento foi criado pela Centro de Tecnologias Alternativas (CTA-ZN) e o Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia – GT de Mulheres da ANA que coordenou a pesquisa desenvolvida em quatro regiões do Brasil (Nordeste, Sudeste, Amazônia e Sul), realizada em parceria com organizações da sociedade civil e movimentos sociais. Com um formato simples e de fácil compreensão pelas mulheres, possui quatro colunas e ao lado de cada uma, uma coluna para quantidade e uma para valor atribuído a partir dos preços de mercado local que são preenchidos pelas próprias mulheres.



As Cadernetas têm por objetivo organizar as informações sobre a produção das mulheres, ou seja, nelas são registrados o que foi vendido, trocado, doado, e consumido e tudo o que é cultivado nos quintais produtivos ou espaços de protagonismos/domínio das mulheres em suas propriedades. Além disso, é possível fazer um inventário das espécies cultivadas pelas agricultoras, o que dialoga com o objetivo de apontar a contribuição mulheres na preservação da biodiversidade e na soberania e segurança alimentar a partir dos quintais, se mostrando um instrumento potente com arcabouço teórico para a disputa de espaços para as mulheres, como também para elaboração e conquista de políticas públicas que atendam às necessidades das mulheres rurais.

Neste artigo apresentamos os dados sistematizados fornecidos pelas Cadernetas notificadas pelas mulheres com objetivo de mapear e quantificar a diversidade de produtos vegetais, beneficiados e animais, e assim sua contribuição para a SSAN a partir do autoconsumo, bem como o levantamento das espécies encontradas.

### Figura 1- Caderneta agroecológica

[illegible]

**Fonte:** base nos dados da pesquisa das Cadernetas Agroecológicas.

Destaca-se que a proposta de aprofundar essa discussão foi um dos encaminhamentos do Seminário Nordeste “Feminismo e Agroecologia: Repensando a Economia a partir das Práticas das Mulheres Rurais”, realizado nos dias 21 e 22 de setembro de 2019, em Recife, Pernambuco, a partir da necessidade de quantificar e mapear a biodiversidade encontrada nos agroecossistemas que são protagonizados pelas mulheres, e contrapor à ideia de que seu trabalho é só ajuda e que não são sujeitos econômicos nas famílias. Foram analisadas as Cadernetas Agroecológicas a partir das notificações de 19 agricultoras, que são assessoradas pela CMN em processo de transição e produção agroecológica, e escolhidas por apresentarem maior frequência de produtos registrados, possibilitando melhor análise estatística.



Tomando como referência o Guia Alimentar para População Brasileira (Ministério da Saúde, 2014), foi construído um sistema de classificação na qual os alimentos e outros produtos foram classificados quanto ao seu grupo de origem, podendo ser animal, vegetal ou beneficiados, sendo importante destacar que diante da diversidade dos dados sistematizados, no grupo de animais, qualquer tipo de carne derivada de um animal não entrou na quantificação, mas apenas o animal vivo. Uma vez que os produtos foram classificados como de origem vegetal, as espécies encontradas foram subclassificadas em cereais (CER), frutíferas (FRU), raízes e tubérculos (RTU), castanhas, nozes e cocos (CNC), temperos (TEM), plantas medicinais (PME), feijões (FEI), legumes e verduras (LVE); nos itens tidos como vegetais, foram utilizadas nomenclaturas científicas atualizadas de acordo com as bases de dados da Lista de Espécies da Flora do Brasil (2015)<sup>5</sup>. Uma vez que os alimentos foram classificados como de origem animal, eles foram ser subclassificados quanto ao tipo de animal, podendo ser aves (AVE), suínos (SUI), caprinos (CAP), ovinos (OVI), bovinos (BOV), pescados (PES) e abelhas (ABE). Quanto aos alimentos beneficiados, foram subclassificados em leites, queijos e manteiga - ou leite e derivados (LQU), farinhas (FAR), doces (DOC), panificações (PAN), bebidas - café, caldo de cana etc. (BEB) e outros - cacau em pó, etc. (OUT).

Essas classificações nos ajudam a reconhecer o papel das mulheres e a importância de seus trabalhos e conhecimentos para a conservação e preservação da agrobiodiversidade a partir da diversidade de espécies encontradas, seja arbórea ou agrícola cultivadas, como também a importância dessa diversidade para a soberania e segurança alimentar, e o sistema ecológico como um todo, percebendo a relação harmônica mulher e natureza (ar, o solo, a água, os organismos vivos (microrganismos), estruturas física, fauna, flora, inclusive, as mulheres são uma

<sup>5</sup> Fonte: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>



comunidade biológica. É importante destacar que neste artigo será realizado um aprofundamento apenas nos dados referentes ao grupo classificado como vegetais pois foi o grupo mais expressivo estatisticamente e os resultados apresentam uma diversidade enorme<sup>6</sup>.

### 3. Resultados

#### 3.1 O Mapa do agroecossistema como uma ferramenta para visibilizar a agrobiodiversidade dos quintais produtivos

Os mapas feitos pelas agricultoras agroecológicas apresentam uma diversidade biológica presente no quintal produtivo, com variedades que vão desde plantas de uso agrícola, espécies frutíferas, plantas medicinais e ornamentais, registrando também criação de pequenos animais e abelhas. Destacamos que a sistematização dos dados do mapa se refere aos espaços protagonizados pelas mulheres, onde elas realizam a maior parte de seu trabalho, percebendo assim a hierarquia/importância de cada uma das atividades a partir do gênero, materializando as representações sobre a divisão sexual do trabalho e percebendo a forma como se organiza nos espaços e que marcam os limites e ou fronteiras internas do agroecossistemas.

Partindo do princípio de que o desenho é feito a partir de questões geradoras como “qual é o espaço de produção protagonizado pelas mulheres?”, “quais locais são tidos como de maior importância? ”, os dados obtidos nos possibilitam também reconhecer quais os olhares e sentidos que as mulheres trazem destes espaços. Neste sentido, o quintal se torna um espaço para a construção do bem viver, da liberdade,

---

<sup>6</sup> O processo de sistematização e classificação dos dados encontrados nas Cadernetas Agroecológicas ainda está sendo construído de forma coletiva pelo GT de Mulheres da ANA. Desta forma, sabemos que muitos produtos não foram catalogados e classificados, o que contribui para uma subnotificação neste momento de sistematização.



sendo a partir do cuidado com a família e a natureza, que a mulher escolhe quais plantas (agrícolas, frutíferas ou medicinal) que serão cultivadas e seus usos (ornamental, medicinal, espiritual, consumo, doação, troca) se transformando também num local de vida, de manutenção e proteção da agrobiodiversidade, soberania e segurança alimentar.

Com a construção do mapa a mulher começa a tomar consciência do valor de sua produção, principalmente da produção do quintal, pois é um espaço que sempre foi visto como de socialização e extensão da casa, mas nunca foi reconhecido como espaço de produção e como objeto para ação de políticas públicas, como por exemplo, as ações de ATER, acesso a tecnologias, bem feitorias e etc.

Segundo Lilian Telles (et al., 2018) “desta forma, o desafio de pôr luz aos quintais e outros espaços de maior autonomia das mulheres, se soma ao desafio de sistematizar e compreender a economia da vida das agricultoras agroecológicas, em sua totalidade”. A ferramenta visual permite desvelar as desigualdades de gênero nos agroecossistemas colocando luz nos espaços que as mulheres são protagonistas e que utilizam para a construção de sua autonomia, a partir de seu próprio trabalho, produzindo alimento, conhecimento, soberania alimentar, relações econômicas, seja através da troca, da doação, venda ou consumo e com proteção da biodiversidade, sendo uma ferramenta de emancipação feminina.

**Figura 2-** Mapa da Agricultora Chirlene- Agreste/PE



**Fonte:** base nos dados coletados com a pesquisa das Cadernetas Agroecológicas.

### **3.2 Mapeamento e quantificação da diversidade ecológica promovida pelas mulheres através da Caderneta Agroecológica**

Segundo a FAO (1999), em regiões rurais com agroecossistemas de manejo familiar, as mulheres são sujeitos sociais fundamentais nos processos de reprodução do modo de vida rural e na produção de alimentos. Geralmente, elas são responsáveis pela seleção de sementes, manejo de criações e uso sustentável de recursos vegetais e animais do agroecossistema, já que tudo o que é produzido fica no entorno familiar. Portanto, a participação das agricultoras no processo de construção do conhecimento agroecológico é crucial para o uso sustentável dos recursos no meio rural.

A partir dos dados sistematizados, considerando a variedade de produtos e com isso permitindo quantificar as espécies vegetais registradas como também as repetições que foram notificadas percebemos a dinâmica de venda, troca, consumo e doação das agricultoras, vislumbrando uma diversidade enorme e uma potente ação de cuidado com a família, a comunidade, o território e a vida. Por exemplo, ao longo de uma semana uma agricultora vendeu três galinhas, consumiu 6 ovos diariamente,



coentro, aboboras, feijão verde, banana prata, e assim sucessivamente, nos ajudando a reconhecer a dinâmica cotidiana de uma família, o que e quanto é destinado para autoconsumo, venda, doação e troca, mas também as espécies, variedades e quantidades de cada produto. Desta forma, com os dados sistematizados, podemos nos aproximar desta dinâmica e conhecer a realidade de produção, consumo, comercialização e outras relações sociais envolvidas na produção protagonizada pelas mulheres, e assim pode-se mensurar um pouco esse processo, valorizando o trabalho e as práticas de produção e cuidados.

Segundo Elisabeth Cardoso et al. (2019, p. 22) devemos nos atentar para não esquecer dos produtos doados e trocados pelas mulheres. Esses números precisam ser valorizados pois estão muito presentes nas relações de solidariedade e reciprocidade. Além disso, são essas relações que permitem que muitas pessoas tenham acesso a alimentos, infraestrutura e serviços, sem passar por relações monetárias. São relações fundamentais para entendermos os sentidos distintos que as mulheres dão aos alimentos e à produção agrícola, e qual o valor que atribuem a cada produto ou alimento, rompendo a racionalidade economicista do mercado e nos ajudando a ampliar os olhares sobre os processos produtivos e de consumo.

Ao todo foram identificados um total de 110 itens sem considerar as repetições, sendo 15 itens agrupados como de origem animal, apresentando um percentual de 14%. Como de origem vegetal, foram identificados 73 itens, correspondendo 66% do total, sendo o grupo mais expressivo. Os beneficiados foram 22 itens, representando 20% do total. (Tabela 1, Gráfico1) Com a classificação dos itens em “animal”, “vegetal” e “beneficiados”, percebemos a importância, na preservação da biodiversidade com a alta densidade de espécies encontradas. Destaca-se que as variedades locais respondem melhor às práticas alternativas de controle de pragas, diminuindo o uso de venenos nas plantações favorecendo a segurança e soberania alimentar. Segundo





Oakley (2004), “essa diversidade contribui não somente para a segurança alimentar e estabilidade econômica dos agricultores familiares, mas para o equilíbrio do sistema agroecológico como um todo”.

A diversidade de vegetais, sejam in natura ou beneficiados, apresenta também uma diversidade de usos, entre eles o medicinal e o terapêutico, sendo empregado pelas mulheres no cuidado com a família. Dessa forma as mulheres obtêm uma farmácia viva, conhecimentos e saberes dos usos destas plantas que estão diretamente ligados a aspectos culturais, étnicos, socioeconômicos e da agrobiodiversidade local, pois a cultura alimentar quando associada a culinária local tem a capacidade de manter a identidade de uma comunidade e sua força de reprodução e resistência.

As hortaliças apresentam um papel secundário na alimentação. As frutas são consumidas frequentemente de acordo com a época de cada uma, apresentando significativas quantidades de vitaminas e minerais, essenciais na alimentação. Quanto aos animais criados, representam uma fonte cotidiana de consumo alimentar, podendo ser utilizados também em alguns tipos de festejo, como também na integração dos animais no sistema ecológico como um todo, possibilitando a fertilização do solo junto aos resíduos vegetais do componente arbóreo (folhas, frutos, raízes, etc.). E a diversidade de animais e vegetais pode resultar no beneficiamento de produtos que muitas vezes são utilizados pelas mulheres tanto para o autoconsumo como para a comercialização.

Destaca-se que as funções socioeconômicas, principalmente no que se refere ao autoconsumo e venda do excedente, vêm contribuindo de maneira significativa para a autonomia e empoderamento das mulheres rurais na medida em que passam a reconhecer seus trabalhos e sua contribuição para a economia familiar e para o fortalecimento do tecido social, pois praticam importantes relações de solidariedade e reciprocidade, contribuindo igualmente frente à problemática ambiental, e aqui



destacamos a importância dos quintais enquanto mantenedores da biodiversidade e do equilíbrio ambiental da fauna e da flora local, uma vez que apresentam uma grande diversidade de espécies vegetais e/ou animais em um pequeno espaço.

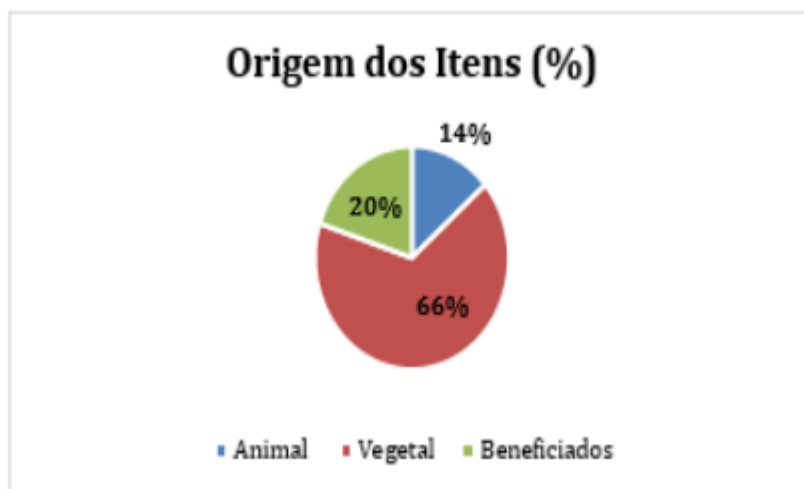
Podemos refletir sobre o que vem a ser a Segurança e Soberania Alimentar a partir da realidade encontrada nestes quintais, ou seja, pautado no trabalho das mulheres e englobando todo sistema de produção, de distribuição, de compra, de preparação e de consumo de alimentos, mas também na preservação das sementes e da biodiversidade, questionando a visão de uma natureza apenas como fornecedora de matéria prima, e uma agricultura voltada para o mercado e para a produção de mercadorias e não para a vida.

**Tabela 1-** Total de itens referente aos grupos de Origens

Grupos	Total de Itens
Animal	15
Vegetal	73
Beneficiados	22
Total	110

**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados coletados com as Cadernetas Agroecológicas.

**Gráfico 1-** Total de itens referente aos grupos de Origens (%)



**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados coletados com as Cadernetas Agroecológicas.



Dos dados sistematizados das Cadernetas Agroecológicas, para o tipo de vegetais foi identificado um total de 72 espécies, esse valor correspondendo à quantidade de itens sem repetições; de acordo com as subclassificações foram registrados 2 itens (espécies) para cereais, representando um valor percentual de 3%; para as frutíferas, foram registrados 24 itens, correspondendo a um valor de 33%; para raízes e tubérculos, foram registrados 3 itens, representando 4%; para castanhas, nozes e cocos, foram registrados 3 itens correspondendo a um percentual de 4%; nos classificados como temperos, foram registrados 9 itens, representando 13%; plantas medicinais foram 5 itens, representando 7%; os agrupados como feijões apresentaram 6 itens, um percentual de 8%; legumes e verduras foram 19 itens, correspondendo a 26%; classificados em outros atingiu um percentual de 1% (Tabela 2, gráfico 2).

Diante desses resultados percebemos a predominância de frutas, legumes e verduras, temperos feijões e plantas medicinais. É importante destacar que as anotações feitas pelas agriculturas não mantiveram uma frequência consistente e variaram de acordo com o contexto socioeconômico das agricultoras, com o seu domínio da escrita, com a maior presença das técnicas de ATER como mediadoras e animadoras do processo, com a maior participação das mulheres nas atividades políticas, fazendo com que se ausentassem e as anotações não pudessem ser feitas no período da viagem, como também pelo esquecimento na correria do dia a dia. Outros fatores influenciam como, por exemplo, as questões ambientais de estiagem e cheias, mas também as condições sociais e responsabilidades de cuidados dos idosos, das crianças e dos doentes. Neste processo, duas mulheres diminuíram significativamente as anotações por terem ficado responsáveis pelo cuidado de parentes (sogro e um irmão), além dos trabalhos de cuidados “normais” de sua casa.

Sabemos que ainda há muita subnotificação nas anotações, pois estamos lidando com a incorporação de uma nova prática de anotar o que se é produzido e



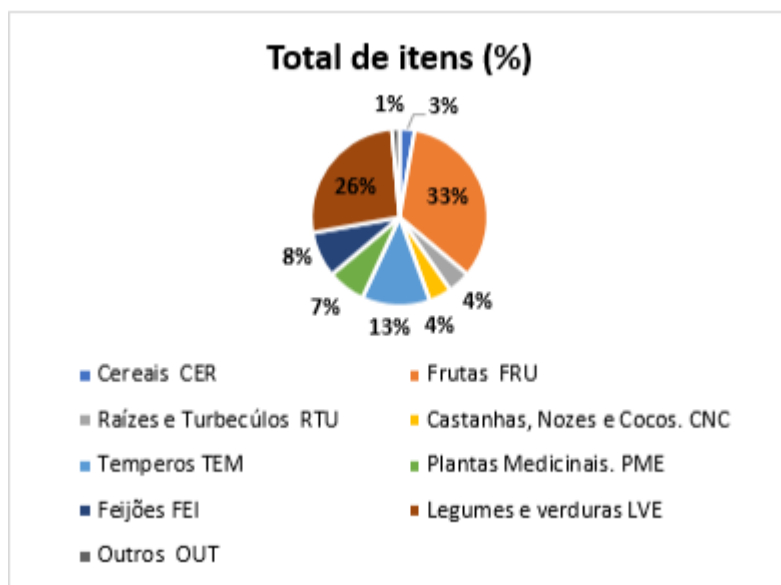
consumido no dia a dia, na economia do miúdo, do cotidiano, no que está incorporado numa prática naturalizada do trabalho feminino. Esse “simples” ato de anotar é parte do processo de desnaturalização do que está incorporado historicamente como o que não tem valor, que sequer é visto. É essa “economia do miúdo” que tem muito a nos mostrar, e é a partir dela que precisamos nos debruçar e construir novos indicadores e olhares sobre esse rico e importante processo social, em que as mulheres são as protagonistas.

**Tabela 2-** Tipos de vegetais

Tipos de vegetais	Siglas	Total de itens
Cereais	CER	2
Frutas	FRU	24
Raízes e Tubérculos	RTU	3
Castanhas, Nozes e Cocos.	CNC	3
Temperos	TEM	9
Plantas Medicinais.	PME	5
Feijões	FEI	6
Legumes e verduras	LVE	19
Outros	OUT	1
Total		72

**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados coletados com as Cadernetas Agroecológicas.

Gráfico 2- Tipos de vegetais (%)



**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados coletados com as Cadernetas Agroecológicas.

Estudos realizados por Duque-Brasil et al. (2011) também encontraram predominância de espécies arbustivas e arbóreas de uso alimentar em quintais do semiárido mineiro, com maior participação das frutíferas, principalmente pela presença da banana, coco, citrus, manga, mamão e goiaba. Também em concordância com este trabalho, Maria Corette Pasa et al. (2005) relatam maior proporção de espécies de uso alimentar (48,1%), metade destas espécies sendo representadas por árvores frutíferas, frequentemente a manga, o caju, a goiaba, a laranja e o limão. Em segundo lugar, com 44,15%, ocorreram as medicinais e, em menor relevância, foram as espécies ornamentais, confirmando a grande diversidade de espécies nos quintais (tabela 3). Alissandra Florentino e outros (2007) relatam que áreas de plantio em roças apresentam baixa diversidade onde ocorrem preferencialmente os cultivos de milho, feijão ou mandioca.

A partir dos dados, percebemos como se desenvolvem os espaços dos agroecossistemas protagonizados pelas mulheres. Seu manejo, formas de cultivo,



variedade produtiva, etc., apresentam maior diversidade de espécies e ampliam seu significado para espaços de resistência e de práticas de cuidado e preservação da vida, percebida de forma holística e complexa, uma relação com a vida dos animais humanos e não humanos, espirituais e míticos, espaço que comporta a cultura e dá sentido à permanência, à pertença e às lutas em defesa dos territórios e do modo de vida da agricultura familiar e camponesa que estamos apresentado aqui.

**Tabela 3- Espécies mapeadas**

ESPÉCIES								
Nome Vulgar		Nome Científico	Nome Vulgar		Nome Científico	Nome Vulgar		Nome Científico
Tomate Cereja	LVE	<i>Solanum sp.</i>	Coloral (Urucum)	TEM	<i>Bixa orellana</i>	Melancia	FRU	<i>Citrullus lanatus</i>
Abóbora (Jerimum)	LVE	<i>Cucurbita moschata</i> L.	Couve	LVE	<i>Brassica oleracea</i> , L.	Melão	FRU	<i>Cucumis melo</i>
Acerola	FRU	<i>Malpighia glabra</i> , L.	Espinafre	LVE	<i>Spinacia oleracea</i> , L.	Meracilina	FRU	N.I
Alecrim	PME	<i>Rosmarinus officinalis</i> , L.	Fava	FEI	<i>Canavalia</i> , sp.	Milho verde	CER	<i>Zea mays</i>
Alface	LVE	<i>Lactuca sativa</i> , L.	Feijão	FEI	<i>Phaseolus sp.</i>	Morango	FRU	<i>Fragaria sp.</i>
Azeitona	OUT	<i>Olea europaea</i>	Feijão Maduro	FEI	<i>Phaseolus sp.</i>	Nabo	LVE	<i>Brassica rapa</i> sp.
Banana	FRU	<i>Musa sp.</i>	Feijão Pardo	FEI	<i>Phaseolus sp.</i>	Pimenta	TEM	<i>Capsicum sp.</i>
Banana maçã	FRU	<i>Musa sp.</i>	Feijão Verde	FEI	<i>Vigna unguiculata</i>	Pimenta de Cheir	TEM	<i>Capsicum chinense</i>
Batata doce	RTU	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam	Feijão Guandú	FEI	<i>Cajanus cajan</i>	Pimentão	LVE	<i>Capsicum annum</i> , L.
Berinjela	LVE	<i>Solanum melongena</i> , L.	Goiaba	FRU	<i>Psidium guajava</i> , L.	Pimentinha	TEM	<i>Capsicum sp.</i>
Beterraba	RTU	<i>Beta vulgaris</i> , L.	Graviola	FRU	<i>Annona muricata</i> , L.	Pinha	FRU	<i>Annona squamosa</i>
Cajá	FRU	<i>Spondias mombin</i>	Hortelã	PME	<i>Mentha villosa</i> , Huds.	Pitomba	FRU	<i>Talisia esculenta</i>
Cajú	FRU	<i>Anacardium occidentale</i>	Jaca	FRU	<i>Artocarpus heterophyllus</i>	Quiabo	LVE	<i>Abelmoschus esculentus</i> , (L.)
Capim Santo	PME	<i>Cymbopogon citratus</i>	Laranja	FRU	<i>Citrus sp.</i>	Rabanete	LVE	<i>Raphanus raphanistrum</i>
Caxixi	LVE	N.I	Laranja mimo	FRU	<i>Citrus sinensis</i> L.	Romã	FRU	<i>Punica granatum</i> , L.
Cebola	LVE	<i>Allium cepa</i> , L.	Laranja lima	FRU	<i>Citrus limettoides Tanaka</i>	Rúcula	LVE	<i>Eruca vesicaria</i> ssp.
Cebolinha	TEM	<i>Allium fistulosum</i> L.	Limão	FRU	<i>Citrus sp.</i>	Salsa	TEM	<i>Petroselinum crispum</i>
Cenoura	LVE	<i>Daucus carota</i> , L.	Macaxeira (aipim)	RTU	<i>Manihot esculenta</i> L.	Salsinha	TEM	<i>Petroselinum sativum</i> , L.
Cheiro Verde (Tempero)	TEM	<i>Petroselinum crispum</i>	Malva Grossa	PME	<i>Malva sylvestris</i>	Seriguela	FRU	<i>Spondias purpurea</i>
Erva cidreira	PME	<i>Melissa officinalis</i>	Mamão	FRU	<i>Carica papaya</i> , L.	Sorgo	CER	<i>Sorghum bicolor</i>
Coco	CNC	<i>Cocos nucifera</i>	Manga	FRU	<i>Mangifera indica</i>	Tangerina	FRU	<i>Citrus reticulata</i>
Coco seco	CNC	<i>Cocos sp.</i>	Maracujá	FRU	<i>Passiflora edulis</i> , Sims	Tomate	LVE	<i>Lycopersicon esculentum</i> , M
Coco Verde	CNC	<i>Cocos sp.</i>	Maxixi	LVE	<i>Cucumis anguria</i>	Verduras	LVE	N.L
Coentro	LVE	<i>Coriandrum sativum</i> , L.	Maxixi do Pará	LVE	<i>Cucumis sp.</i>	Pepino	LVE	<i>Cucumis sativus</i>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados coletados com as Cadernetas Agroecológicas.

Diante desses resultados percebemos a contribuição das mulheres para a segurança e soberania alimentar a partir do momento que elas escolhem plantar o maior número de espécies utilizadas na alimentação para autoconsumo, que é essencial para a subsistência familiar, em que se importam com o alimento de qualidade, e que proporcione melhor qualidade de vida. Para Oakley, 2004:



As mulheres têm um conhecimento muito sofisticado do seu próprio sistema agrícola e possuem critérios precisos para determinar as variedades a serem cultivadas. Quando solicitadas a enumerar as características desejáveis para o cultivo dos quintais domésticos, suas respostas revelaram não apenas um complexo processo de tomada de decisão, como também os múltiplos usos e manejos das variedades empregadas. Uma vez que o destino da produção é, antes de tudo, o consumo da família e não o mercado, as mulheres dão destaque ao sabor, à adaptação agroecológica, aos usos culinários e ao valor nutritivo dos alimentos cultivados. Todavia, elas também levam em consideração a produtividade e consideram que as variedades locais se desenvolvem bem nas condições dos quintais. (Emily Oakley, 2004, p.38)

Destacamos ainda o uso das plantas medicinais nas práticas dos cuidados e curas, vinculado à cultura e ao saber das mulheres. Outra questão que vale destacar é o conhecimento do manejo dos pequenos animais, como as galinhas, patos, codornas, porcos, que trazem diversos benefícios perceptíveis nos agroecossistemas manejados, seja para a SSAN, seja econômico, como também para o enriquecimento da agrobiodiversidades, proteção do solo e das áreas naturais, influenciando significativamente para o equilíbrio dos ecossistemas. Outra questão não menos importante envolve as abordagens ecológicas, se pensarmos que, quanto maior a biodiversidade, maior o trabalho para manejar e cuidar de todo sistema, sendo um tempo considerável de trabalho despendido pelas mulheres, aumentando assim a sua jornada de trabalho. Neste sentido, é urgente que ampliemos a discussão sobre a divisão justa do trabalho doméstico e o reconhecimento do trabalho realizado pelas mulheres como parte da economia e sustentabilidade do agroecossistema, da família e da vida.

Precisamos romper com as análises econômicas clássicas que contribuem para a ocultação de toda uma complexidade que envolve a reprodução da vida e sobretudo o trabalho das mulheres. A visão dicotômica que separa e hierarquiza o trabalho produtivo x reprodutivo, trabalho de mulher (doméstico e a casa) x trabalho de homem ( público e o roçado), trabalho de ajuda, etc., ainda hegemônica nas leituras economicistas no que tange a elaboração de políticas públicas, projetos de



desenvolvimento rural e construções de indicadores sociais, deve dar lugar ao aporte da economia feminista, das teorias feministas e da ecologia política com bases teóricas, metodológicas e políticas que tragam para o campo sociológico, agrônomo, econômico, político, filosófico, novas lentes de análises e novas questões que nos aproximem da realidade e que reconhece outros sujeitos e novas narrativas, rompendo com a epistême branca, eurocêntrica, heteropatriarcal, racista e classista.

Para Vandana Shiva (1998) a contribuição das mulheres ao desenvolvimento e à conservação da biodiversidade tem se mostrado como um não-trabalho e um não conhecimento, pois está sob a lógica do patriarcado, que subvaloriza e hierarquiza as mulheres e a natureza, que é percebida como feminina. A partir do proposto, reafirmamos a importância de sistematizar a produção das mulheres, visibilizar o saber transmitido, se tornando um potencializador para que outras mulheres disputem por políticas públicas, que seu trabalho seja visibilizado e reconhecido, assim como a sua real contribuição econômica na preservação e manutenção da agrobiodiversidade, protagonizando os espaços públicos, dando novos sentidos aos fazeres e práticas políticas e contribuindo para um processo de mudanças efetivas das relações de poder e democratização da vida.

## 5. Considerações finais

Este artigo aporta com uma contribuição ao debate sobre a importância das mulheres como produtoras de bens, indispensáveis para a reprodução da vida, que se materializa em suas práticas cotidianas como trabalhadoras e geradoras de renda (monetária e não monetária), como sujeitos econômicos e políticos, guardiãs da agrobiodiversidade, como detentoras de conhecimento fundamentais para a reprodução do agroecossistema e da agroecologia, e que contribuem efetivamente





para a garantia da segurança e soberania alimentar de suas famílias, sua comunidade e seus territórios.

Tomando os quintais e os espaços do agroecossistema protagonizados pelas mulheres como locus de análise e sistematização desta pesquisa, reconhecemos que para elas são lugares de vida, onde preservam e mantêm a agrobiodiversidade, em que cultivam as plantas medicinais para o cuidado com a família, o espaço do lazer, das experiências produtivas, mas também vivenciam o sagrado, o espaço de paz e liberdade.

As reflexões dos dados realizada juntamente com as mulheres participantes possibilitam um processo de ressignificação de seu trabalho, das relações de poder existentes dentre de casa, mas também no agroecossistema, reforça a importância da produção do miúdo para a economia, mas também para o autoconsumo, e sobretudo para o fortalecimento dos laços de sociabilidade nas comunidades e nos territórios através das práticas de doação e troca, e o fortalecimento da cultura local e da identidade destes povos. Amplia-se o olhar sobre a importância dos mercados, do acesso as políticas públicas, da preservação dos ecossistemas e biomas, das práticas de cuidado como parte central da vida.

Destacamos que esse processo de reflexão –ação- intervenção proporcionado pelas cadernetas agroecológicas, a partir de uma abordagem feminista, é contínuo e deve ser assumido como prática de uma nova ATER, mas também nos projetos de desenvolvimento rural, nas ações educativas, nos arranjos de políticas públicas e nos projetos de organização econômica e produtiva, que contribua para a construção da autonomia das mulheres e mudanças nas relações de poder.

As mulheres ao se apropriar dos instrumentos metodológicos propostos na pesquisa, principalmente as cadernetas agroecológicas, começam a perceber um instrumento para enfrentamento ao modelo econômico e as opressões patriarcais e



machistas que vivem, se auto reconhecendo como produtoras e trabalhadoras. Elas mudam a percepção consigo mesmas sobre o seu trabalho, mas também se reconhecem como sujeitos políticos para o acesso às políticas públicas, no enfrentamento ao ciclo de violência e construindo estratégias conjuntas para a transformação da sociedade e das relações sociais.

*Recebido em 31 de outubro de 2019*

*Aprovado em 07 de maio de 2020.*



## Referências

- ALMADA, E; SOUZA, M. **Quintais: Memória, Resistência e Patrimônio Biocultural**. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2017. p. 20.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CARNEIRO, Maria José. **Esposa de Agricultor na França**. Revista de Estudos Feministas  
v. 4, n. 2, p. 341, 1996. Disponível em:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16807> Acesso em 28 de outubro de 2019.
- CARDOSO, E.; JALIL, L.; ALVARENGA C.; WEITZMAN, R. **Guia metodológico da caderneta agroecológica**. Recife: FIDA, 2019, 38 p.
- DUQUE-BRASIL, R; SOLDATI, G. T.; ESPÍRITO-SANTO, M. M.; REZENDE, M. Q.; D'ÂNGELO-NETO, S. e COELHO, F. M. G. **Composição, uso e conservação de espécies arbóreas em quintais de agricultores familiares na região da mata seca norte-mineira**. Brasil Sitientibus, série Ciências Biológicas. 2011, p. 287–297.
- FAO. **Women – users, preservers and managers of agrobiodiversity**. Roma: Food and Agriculture Organization of the United Nations, 1999. 4p.
- FLORENTINO, A. T. L.; ARAÚJO, E. L. e ALBUQUERQUE, U. P. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, município de Caruaru, PE, Brasil. Acta Botanica Brasilica, 2007, p. 37–47.
- GONÇALVES, J. P; LUCAS, F. C. A. **Agrobiodiversidade e etnoconhecimento em quintais de Abaetetuba, Pará, Brasil**. R. bras. Bioci., Porto Alegre, v. 15, n.3, p. 119-134, jul/set 2017.
- JALIL, Laetícia. **experiência do projeto/processo ater, feminismo e agroecologia na construção do conhecimento: caminhos epistêmicos e saberes políticos coletivos**. In: Rede feminismo e agroecologia do Nordeste / Org: Laetícia Medeiros Jalil, Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo, Maria do Socorro de Lima Oliveira. – 1. ed. - Recife: Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste, 2017, p. 23-38.
- JALIL, Laetícia. **Mulheres e soberania alimentar: a luta para a transformação do meio rural brasileiro**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. 2009, p. 48-49.



OAKLEY, Emily. **Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural**. Revista Agriculturas, v. 1, n.1, p. 37-39, 2004. Disponível em: < <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2014/10/Artigo-12-Quintais-dom%C3%A9sticos-uma-responsabilidade-cultural.pdf> > Acesso em: 28 de outubro de 2018.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. **Sistema de produção: Perspectiva de gênero**. Proposta. Rio de Janeiro, v. 25, n. 71, 1997.

PACHECO, M.E.L. **Agricultura Familiar: sustentabilidade ambiental e igualdade de gênero** In: Perspectivas de Gênero: Debates e questões para as ONGs. Recife: GT Gênero. Plataforma de Contrapartes Novib/SOS CORPO Gênero e Cidadania, p.20, 2002.

PASA, M. C.; SOARES, J. J. e GUARIM NETO, G.. **Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil)**. Acta Botanica Brasílica. v.19, n.2, 2005, p. 195-207.

PERNAMBUCO. **Plano estadual de recursos hídricos**. Recife: Secretaria Estadual de Recursos Hídricos, 1998. Disponível em < <http://www.srhe.pe.gov.br> >. Acesso em 24 de outubro de 2019.

TELLES, L., JALIL, L., CARDOSO E., ALVARENGA C. R.. **Cadernetas Agroecológicas e a contribuição econômica das agricultoras agroecológicas no Brasil**. In: ZULUAGA SÁNCHEZ, G.; CATARACORA-VARGAS, G.; SILIPRANDI, E. (coords.). Agroecología en femenino: Reflexiones a partir de nuestras experiencias. La Paz: SOCLA / CLACSO, 2018. p. 141-157.

SHIVA, Vandana. **El saber próprio de las mujeres y la conservación de la biodiversidade**. Barcelona: Icaria, 1998.

SILIPRANDI, Emma C. **Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.